

CCB

CICLO SEXTA MAIOR

PAISAGENS MARÍTIMAS
ANDRÉ BALEIRO E
DAVID SANTOS

21 NOV 25



ARTES
PERFORMATIVAS

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém
Sala Luís de Freitas Branco
sexta-feira, 20h00
+6
Duração aproximada: 95 min

CICLO SEXTA MAIOR
PAISAGENS MARÍTIMAS

Barítono **André Baleiro**
Piano e Moderação **David Santos**

PROGRAMA

I

Au milieu de l'azur, des vagues, des splendeurs / No meio do azul, das ondas, dos esplendores (CHARLES BAUDELAIRE)

Charles Villiers Stanford (1852–1924)

Joy, shipmate, joy! / Alegria, companheiro de bordo! (WALT WHITMAN)

Gabriel Fauré (1845–1924)

Je me suis embarqué sur un vaisseau qui danse / Embarquei num navio que dança (JEAN DE LA VILLE DE MIRMONT)

Benjamin Britten (1913–1976)

Seascape / Paisagem Marítima (WYSTAN HUGH AUDEN)

Luís de Freitas Branco (1890–1955)

Sonho Oriental (ANTERO DE QUENTAL)

Henri Duparc (1848–1933)

La vie antérieure / A vida anterior (CHARLES BAUDELAIRE)

II

Plonge avec nous dans le flot transparente / Mergulha conosco na corrente translúcida (RENÉ MORAX)

Franz Schubert (1797–1828)

Der Fischer / O pescador (JOHANN WOLFGANG VON GOETHE)

Arthur Honegger (1892–1955)

Berceuse de la sirène / Canção de embalar da Sereia (RENÉ MORAX)

Johannes Brahms (1833–1897)

Versunken / Imerso (FELIX SCHUMANN)

Gustav Mahler (1860–1911)

Phantasie aus Don Juan / Fantasia (LUDWIG BRAUNFELS)

Rebecca Clarke (1886–1979)

The Seal Man / O Homem-Foca (JOHN MASEFIELD)

INTERVALO

III

***Ó mar, anterior a nós* (Fernando Pessoa)**

Gabriel Fauré (1845–1924)

*La mer est infinie et mes rêves sont fous / O mar é infinito
e os meus sonhos são loucos* (JEAN DE LA VILLE DE MIRMONT)

Claude Debussy (1862–1918)

De grève / Sobre a beira-mar (CLAUDE DEBUSSY)

Ottorino Respighi (1879–1936)

O falce di luna / Ó foice da lua (GABRIELE D'ANNUNZIO)

Arnold Schönberg (1874–1951)

Am Strande / Na praia (RAINER MARIA RILKE)

Fernando Lopes-Graça (1906–1994)

Horizonte (FERNANDO PESSOA)

IV

***Mein Liebchen, wir saßen beisammen traulich im leichten
Kahn / Meu amor, estávamos sentados juntos aconchegados
no leve barco* (HEINRICH HEINE)**

Luís de Freitas Branco (1890–1955)

Idílio (ANTERO DE QUENTAL)

Ernest Chausson (1855–1899)

Sérénade italienne / Serenata italiana (PAUL BOURGET)

Johannes Brahms (1833–1897)

Meerfahrt / Viagem marítima (HEINRICH HEINE)

Fernando C. Lapa (1950)

O céu, a terra, o vento sossegado (LUÍS DE CAMÕES)

Viktor Ullmann (1898–1944)

Sturmlied / Canção de tempestade (RICARDA HUCH)



Com a sua imensidão, força e beleza, o seu ritmo vital e as suas múltiplas facetas, o mar exerce, desde sempre, uma atração e fascínio irresistíveis sobre os sentidos, a mente e a imaginação, sendo uma fonte de inspiração inesgotável para poetas e compositores.

Este recital convida o público a embarcar numa viagem pelo mundo da canção de câmara, conduzindo-o por um programa variado e contrastante e atravessando fronteiras linguísticas e musicais.

Dividido em grupos temáticos, o concerto inicia-se com o irresistível impulso de partir pelo mar adentro à procura de novas aventuras e experiências, à descoberta de ilhas desconhecidas e do sedutor, mas perigoso canto das sereias. A segunda parte contempla o mar em todo o seu grandioso esplendor, os seus mágicos efeitos de luz no crepúsculo, a angústia das tempestades — e apresenta-o como cenário de histórias de amor, por vezes propício, por vezes ameaçador.

Cada canção revela um momento distinto da relação profunda e simbólica do ser humano com este elemento tão determinante da natureza e da história de Portugal e da humanidade. Peças de 17 compositores diferentes criam uma paisagem sonora onde o mar surge como força motriz, ambiente de sonho e espelho das emoções humanas.

Uma posição central ocupa o poema *Horizonte*, de Fernando Pessoa, posto em música por Fernando Lopes-Graça:

«O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade.»

Cada grupo de canções será introduzido por uma breve moderação, guiando o público ao longo desta viagem e convidando-o a mergulhar nas profundezas do oceano e da alma.

PAISAGENS MARÍTIMAS

Textos e Traduções

I. *Au milieu de l'azur, des vagues, des splendeurs*

(CHARLES BAUDELAIRE)

Charles Villiers Stanford (1852-1924)

Joy, Shipmate, joy! (WALT WHITMAN)

*Joy! shipmate – joy!
(Pleas'd to my Soul at death I cry,)
Our life is closed – our life begins;
The long, long anchorage we leave,
The ship is clear at last – she leaps!
She swiftly courses from the shore;
Joy! shipmate – joy!*

I. No meio do azul, das ondas, dos esplendores

Alegria, companheiro de bordo!

Alegria! Companheiro de bordo –
alegria!
(Feliz até ao fundo da minha alma,
clamo à morte,)
A nossa vida termina – a nossa vida
começa;
Deixamos a longa, longa ancoragem,
O navio está enfim livre – ele salta!
Afasta-se velozmente da costa;
Alegria! Companheiro de bordo –
alegria!

Gabriel Fauré (1845-1924)

*Je me suis embarqué sur un
vaisseau qui danse*

(JEAN DE LA VILLE DE MIRMONT)

*Je me suis embarqué sur un
vaisseau qui danse
Et roule bord sur bord et tanguet
et se balance.
Mes pieds ont oublié la terre et ses
chemins;
Les vagues souples m'ont appris
d'autres cadences
Plus belles que le rythme las des
chants humains.*

Embarquei num navio que dança

Embarquei num navio que dança,
Que rola de borda a borda, e oscila,
e balança.
Os meus pés esqueceram a terra e
os seus caminhos;
As ondas suaves ensinaram-me
outras cadências
Mais belas que o ritmo cansado
dos cantos humanos.

*À vivre parmi vous, hélas! avais-je
une âme?*

Ai, tinha eu uma alma para viver
entre vós?

Mes frères, j'ai souffert sur tous vos continents.

*Je ne veux que la mer, je ne veux que le vent
Pour me bercer, comme un enfant,
au creux des lames.*

*Hors du port qui n'est plus qu'une image effacée,
Les larmes du départ ne brûlent plus mes yeux.*

*Je ne me souviens pas de mes derniers adieux ...
Ô ma peine, ma peine, où vous ai-je laissée?*

Meus irmãos, sofri em todos os vossos continentes.

Eu só quero o mar, só quero o vento
Para me embalar, como uma criança,
no seio das ondas.

Fora do porto que já não é senão uma imagem apagada,
As lágrimas da partida já não me ardem nos olhos.
Não me lembro das minhas últimas despedidas ...
Ó minha dor, minha dor, onde te deixei?

Benjamin Britten (1913–1976)

Seascape (WYSTAN HUGH AUDEN)

*Look, stranger, at this island now
The leaping light for your delight discovers,
Stand stable here
And silent be,
That through the channels of the ear
May wander like a river
The swaying sound of the sea.*

*Here at the small field's ending
pause
Where the chalk wall falls to the foam, and its tall ledges
Oppose the pluck
And knock of the tide,
And the shingle scrambles after the sucking surf,
And the gull lodges
A moment on its sheer side.*

Paisagem marítima

Olha, estrangeiro, para esta ilha agora
A luz saltitante revela-se para o teu deleite,
Fica firme aqui
E permanece em silêncio,
Para que pelos canais do ouvido
Possa vagar como um rio
O som oscilante do mar.

Detém-te aqui, no limite do pequeno campo
Onde o muro calcário se precipita na espuma, e as suas altas saliências
Se opõem à força
E ao embate da maré,
E os seixos correm atrás das ondas que se retraem,
E a gaivota pausa
Por um momento no seu lado íngreme.

*Far off like floating seeds the ships
Diverge on urgent voluntary errands;
And the full view
Indeed may enter
And move in memory as now these
clouds do,
That pass the harbour mirror
And all the summer through the
water saunter.*

Ao longe, como sementes flutuantes,
os navios
Divergem em urgentes missões
voluntárias;
E toda a vista
Pode, de facto, entrar
E mover-se na memória como agora
estas nuvens
Que passam no espelho do porto
E, durante todo o verão, vagueiam
pela água.

Luís de Freitas Branco (1890–1955)

Sonho Oriental (ANTERO DE QUENTAL)

Sonho-me às vezes rei,
n'alguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnólia e da baunilha
Paira no ar diáfano e dormente...
Lambe a orla dos bosques,
vagamente,
O mar com finas ondas
de escumilha...

E enquanto eu na varanda
de marfim
Me encosto, absorto n'um cismar
sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

Henri Duparc (1848-1933)*La vie antérieur* (CHARLES BAUDELAIRE)

*J'ai longtemps habité sous de vastes
portiques
Que les soleils marins teignaient de
mille feux,
Et que leurs grands piliers, droits et
majestueux,
Rendaient pareils, le soir, aux grottes
basaltiques.*

*Les houles, en roulant les images des
cieux,
Mêlaient d'une façon solennelle et
mystique
Les tout-puissants accords de leur
riche musique
Aux couleurs du couchant reflété
par mes yeux.*

*C'est là que j'ai vécu dans les
voluptés calmes
Au milieu de l'azur, des vagues, des
splendeurs,
Et des esclaves nus, tout imprégnés
d'odeurs,*

*Qui me rafraîchissaient le front avec
des palmes,
Et dont l'unique soin était
d'approfondir
Le secret douloureux qui me faisait
languir.*

A vida anterior

Habitei muito tempo sob vastos
pórticos
Que os sóis marinhos tingiam de mil
fogos,
E cujos grandes pilares, retos e
majestosos,
Tornavam semelhantes, ao
entardecer, às grutas basálticas.

As ondas, rolando as imagens dos
céus,
Misturavam de forma solene e
mística
Os acordes todo-poderosos da sua
rica música
Com as cores do poente refletido
pelos meus olhos.

Foi lá que eu vivi, nas calmas volúpias
No meio do azul, das ondas, dos
esplendores,
E de escravos nus, impregnados de
perfumes,

Que me refrescavam a fronte com
folhas de palmeira,
E cujo único cuidado era aprofundar
O doloroso segredo que me fazia
padecer.

II. Plonge avec nous dans le flot transparent (RENÉ MORAX)

Franz Schubert (1797–1828)

Der Fischer

(JOHANN WOLFGANG VON GOETHE)

*Das Wasser rauscht', das Wasser
schwoll,
Ein Fischer saß daran,
Sah nach dem Angel ruhevoll,
Kühl bis ans Herz hinan.
Und wie er sitzt und wie er lauscht,
Teilt sich die Flut empor;
Aus dem bewegten Wasser rauscht
Ein feuchtes Weib hervor.*

*Sie sang zu ihm, sie sprach zu ihm:
„Was lockst du meine Brut
Mit Menschenwitz und Menschenlist
Hinauf in Todesglut?
Ach wüsstest du, wie's Fischlein ist
So wohligh auf dem Grund,
Du stiegst herunter, wie du bist,
Und würdest erst gesund.*

*„Labt sich die liebe Sonne nicht,
Der Mond sich nicht im Meer?
Kehrt wellenatmend ihr Gesicht
Nicht doppelt schöner her?
Lockt dich der tiefe Himmel nicht,
Das feuchtverklärte Blau?
Lockt dich dein eigen Angesicht
Nicht her in ewgen Tau?“*

*Das Wasser rauscht', das Wasser
schwoll,*

II. Mergulha conosco na corrente translúcida

O pescador

As águas rumorejavam, as águas
subiam,
Um pescador estava sentado à
margem,
Fitava calmamente a linha de pesca,
Refrescado até ao fundo do coração.
E enquanto ali sentado escuta,
A corrente sobe e divide-se;
Das águas agitadas irrompe
Uma mulher coberta de água.

Ela cantou-lhe, falou-lhe:
«Porque atraís a minha prole
Com artifícios e enganos humanos
Para o ardor mortal da superfície?
Ah, se soubesses como o peixinho
vive
Tão feliz lá no fundo,
Descerias, tal como és,
E então ficarias curado.

Não se deleita o querido sol,
Bem como a lua, no mar?
Não retorna, na respiração das
ondas,
O seu rosto duplamente mais belo?
Não te atraí o céu profundo,
Esse azul transfigurado em água?
Não te seduz o teu próprio rosto,
Refletido no orvalho eterno?»

As águas rumorejavam, as águas
subiam,

*Netzt' ihm den nackten Fuß;
Sein Herz wuchs ihm so
sehnsuchtsvoll,
Wie bei der Liebsten Gruß.
Sie sprach zu ihm, sie sang zu ihm;
Da war's um ihn geschehn:
Halb zog sie ihn, halb sank er hin,
Und ward nicht mehr gesehn.*

Molhavam-lhe o pé descalço;
O seu coração encheu-se de desejo,
Como ao saudar a amada.
Ela falou-lhe, ela cantou-lhe;
E então ele perdeu-se:
Meio o puxou ela, meio ele se
afundou,
E nunca mais foi visto.

Arthur Honegger (1892–1955)

Berceuse de la sirène (RENÉ MORAX)

*Danse avec nous dans le bel Océan
Le matin ou le soir sous la lune
d'argent.
Plonge avec nous dans le flot
transparent,
Chante au soleil dans l'écume et le
vent.
Mer berce nous dans tes bras
caressants
Mer berce nous sur ton coeur
frémissant.*

Canção de embalar da Sereia

Dança conosco no belo Oceano
De manhã ou à noite sob a lua de
prata.
Mergulha conosco na corrente
translúcida,
Canta ao sol na espuma e ao vento.
Mar, embala-nos nos teus braços
carinhosos,
Mar, embala-nos sobre o teu
coração palpitante.

Johannes Brahms (1833–1897)

Versunken (FELIX SCHUMANN)

*Es brausen der Liebe Wogen
Und schäumen mir um das Herz;
Zwei tiefe Augen zogen
Mich mächtig niederwärts.*

Imerso

Rugem as ondas do amor
Espumando à volta do meu coração;
Dois olhos profundos me puxaram
Impetuosamente para o fundo.

*Mich lockte der Nixen Gemunkel,
Die wunderliebliche Mär,
Als ob die Erde dunkel
Und leuchtend die Tiefe wär'!*

Seduziu-me o murmúrio das ninfas,
A maravilhosa e doce lenda,
Como se a Terra fosse escura
E a profundidade resplandecente!

*Als würde die seligste Ferne
Dort unten reizende Näh',*

Como se a distância mais feliz
Se tornasse ali uma proximidade

*Als könnt' ich des Himmels Sterne
Dort greifen in blauer See.*

*Nun brausen und schäumen die
Wogen
Und hüllen mich allwärts ein,
Es schimmert in Regenbogen
Die Welt von ferne herein.*

encantadora,
Como se eu pudesse alcançar
As estrelas do céu no mar azul.

Agora rugem e espumam as ondas
E envolvem-me por todos os lados,
O mundo cintila, ao longe,
Como um arco-íris.

Gustav Mahler (1860–1911)

Phantasie aus Don Juan
(LUDWIG BRAUNFELS)

Fantasia

*Das Mägdlein trat aus dem
Fischerhaus,
Die Netze warf sie ins Meer hinaus!
Und wenn kein Fisch in das Netz ihr
ging,
Die Fischerin doch die Herzen fing!*

*Die Winde streifen so kühl umher,
Erzählen leis' eine alte Mär!
Die See erglühet im Abendrot,
Die Fischerin fühlt nicht Liebesnot
Im Herzen! Im Herzen!*

A rapariga saiu da casa do pescador,
Lançou as redes ao mar!
E se nenhum peixe lhe caía na rede,
Então a pescadora apanhava os
corações!

Os ventos sopram tão frescos em
redor,
Contam suavemente uma velha
lenda!
O mar resplandece na luz do
entardecer,
A pescadora não sente a dor do
amor
No coração! No coração!

Rebecca Clarke (1886–1979)

The Seal Man (JOHN MASEFIELD)

O Homem-Foca

*And he came by her cabin to the
west of the road, calling.
There was a strong love came up in
her at that,
and she put down her sewing on the
table, and "Mother," she says,
"There's no lock, and no key, and no*

*E ele veio até à cabana dela, a oeste
da estrada, a chamar.
Um forte amor surgiu dentro dela
nesse momento,
E ela pousou a sua costura na mesa
e: "Mãe," disse ela,
"Não há tranca, nem chave, nem*

*bolt, and no door.
There's no iron, nor no stone, nor
anything at all
will keep me this night from the man
I love."
And she went out into the moonlight
to him,
there by the bush where the flow'rs
is pretty, beyond the river.
And he says to her: "You are all of
the beauty of the world,
will you come where I go, over the
waves of the sea?"
And she says to him: "My treasure
and my strength," she says,
"I would follow you on the frozen
hills, my feet bleeding."
Then they went down into the sea
together,
and the moon made a track on the
sea, and they walked down it;
it was like a flame before them.
There was no fear at all on her;
only a great love like the love of the
Old Ones,
that was stronger than the touch of
the fool.
She had a little white throat, and
little cheeks like flowers,
And she went down into the sea with
her man,
who wasn't a man at all.
She was drowned, of course.
It's like he never thought that she
wouldn't bear the sea like himself.
She was drowned, drowned.*

ferrolho, nem porta,
Não há ferro, nem pedra,
absolutamente nada
Que me separe esta noite do homem
que eu amo."
E ela foi ao encontro dele ao luar,
Lá, perto do arbusto onde as flores
são bonitas, para lá do rio.
E ele diz-lhe: "Tu és toda a beleza do
mundo,
Virás comigo para onde eu vou,
sobre as ondas do mar?"
E ela diz-lhe: "Meu tesouro e minha
força," diz ela,
"Eu seguir-te-ia pelas colinas
congeladas, com os pés a sangrar."
Então eles entraram juntos pelo mar
adentro,
E a lua fez um caminho sobre o mar,
e eles caminharam por ele;
Era como uma chama diante deles.
Ela não sentia nenhum medo;
Apenas um grande amor, como o
amor dos Antigos,
Que era mais forte que o toque do
tolo.
Ela tinha uma pequena garganta
branca e faces pequenas como
flores,
E ela entrou pelo mar adentro com
seu homem,
Que não era de todo um homem.
Ela afogou-se, é claro.
É como se ele nunca tivesse pensado
que ela não suportaria o mar como
ele.
Ela afogou-se, afogou-se.

III. Ó mar, anterior a nós

(FERNANDO PESSOA)

Gabriel Fauré

La mer est infinie et mes rêves sont fous (JEAN DE LA VILLE DE MIRMONT)

La mer est infinie et mes rêves sont fous.

La mer chante au soleil en battant les falaises

Et mes rêves légers ne se sentent plus d'aise

De danser sur la mer comme des oiseaux soûls.

Le vaste mouvement des vagues les emporte,

La brise les agite et les roule en ses plis;

Jouant dans le sillage, ils feront une escorte

Aux vaisseaux que mon cœur dans leur fuite a suivis.

Ivres d'air et de sel et brûlés par l'écume

De la mer qui console et qui lave des pleurs,

Ils connaîtront le large et sa bonne amertume;

Les goélands perdus les prendront pour des leurs.

O mar é infinito e os meus sonhos são loucos

O mar é infinito e os meus sonhos são loucos.

O mar canta ao sol batendo nas falésias

E os meus sonhos ligeiros não cabem em si de prazer

Ao dançar sobre o mar como pássaros embriagados.

O amplo movimento das ondas leva-os,

A brisa agita-os e enrola-os nos seus plissados;

Brincando na sua esteira, farão escolta

Aos navios que o meu coração seguiu na sua fuga.

Ébrios de ar e de sal e queimados pela espuma

Do mar que consola e lava lágrimas, Conhecerão a imensidão e a sua boa amargura;

As gaivotas perdidas tomá-los-ão por seus.

Claude Debussy (1862-1918)

De grève (CLAUDE DEBUSSY)

Sur la mer les crépuscules tombent, Soie blanche effilée!

Sobre a beira-mar

Sobre o mar caem os crepúsculos, Seda branca desfiada!

*Les vagues comme de petites folles,
Jasent, petites filles sortant de
l'école,
Parmi les froufrous de leur robe,
Soie verte irisée!*

*Les nuages, graves voyageurs,
Se concertent sur le prochain orage,
Et, c'est un fond vraiment trop grave
À cette anglaise aquarelle.
Les vagues, les petites vagues,
Ne savent plus où se mettre,
Car voici la méchante averse,
Froufrous de jupes envolées,
Soie verte affolée!*

*Mais la lune, compatissante à tous,
Vient apaiser ce gris conflit,
Et caresse lentement ses petites
amies,
Qui s'offrent, comme lèvres
aimantes
À ce tiède et blanc baiser.
Puis, plus rien!
Plus que les cloches attardées
Des flottantes églises!
Ângelus des vagues,
Soie blanche apaisée!*

As ondas, como pequenas loucas,
Tagarelam, meninas saídas
da escola,
Entre os frufus do seu vestido,
Seda verde iridescente!

As nuvens, sérias viajantes,
Combinam a próxima tempestade,
E é um fundo realmente demasiado sério
Para esta aguarela inglesa.
As ondas, as pequenas ondas,
Já não sabem onde se meter,
Pois eis a malvada chuva,
Frufus de saias a voar,
Seda verde em alvoroço!

Mas a lua, compassiva com todos,
Vem apaziguar este cinzento conflito,
E acaricia lentamente as suas
pequenas amigas,
Que se oferecem, como lábios
amantes
A esse beijo morno e branco.
Depois, nada mais!
Apenas os sinos tardios
Das flutuantes igrejas!
Ângelus das ondas,
Seda branca apaziguada!

Ottorino Respighi (1879-1936)

O falce di luna (GABRIELE D'ANNUNZIO)

*O falce di luna calante
che brilli su l'acque deserte,
o falce d'argento, qual mèsse
di sogni
ondeggia a 'l tuo mite chiarore
qua giù!*

Ó foice de lua

Ó foice de lua minguante
Que brilhas sobre as águas desertas,
Ó foice de prata, que colheita
de sonhos
Ondula na tua suave claridade
aqui em baixo!

*Aneliti brevi di foglie
di fiori di flutti da 'l bosco
esalano a 'l mare: non canto, non
grido,
non suono pe 'l vasto
silenzio va.*

*Oppresso d'amor, di piacere,
il popol de' vivi s'addorme.
O falce calante, qual mèsse
di sogni
ondeggia a 'l tuo mite chiarore
qua giù!*

Breves anseios de folhas,
De flores, de ondas, da floresta
Exalam-se para o mar: nenhum
canto, nenhum grito,
Nenhum som atravessa o vasto
silêncio.

Oprimido de amor, de prazer,
O povo dos vivos adormece.
Ó foice minguate, que colheita de
sonhos
Ondula na tua suave claridade aqui
em baixo!

Arnold Schönberg (1874–1951)

Am Strande (RAINER MARIA RILKE)

*Vorüber die Flut.
Noch braust es fern.
Wild Wasser und oben
Stern an Stern.*

*Wer sah es wohl,
O selig Land,
Wie dich die Welle
Überwand.*

*Noch braust es fern.
Der Nachtwind bringt
Erinnerung und eine Welle
Verlief im Sand.*

Na praia

A enchente passou.
Ainda ruge ao longe.
Água selvagem e em cima
Estrela após estrela.

Quem terá visto,
Ó terra abençoada,
Como a onda
Te assoberbou.

Ainda ruge ao longe.
O vento noturno traz
Memória e uma onda
Desfez-se na areia.

Fernando Lopes-Graça (1908–1994)

Horizonte (FERNANDO PESSOA)

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,

Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
Esplendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se
a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons
e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta
linha.

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e,
com sensíveis
Movimentos da esperança
e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave,
a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

***IV. Mein Liebchen, wir saßen
beisammen traulich im
leichten Kahn***

(HEINRICH HEINE)

***IV. Meu amor, estávamos
sentados juntos aconchegados
no leve barco***

Idílio (ANTERO DE QUENTAL)

Quando nós vamos ambos,
de mãos dadas,
Colher nos vales lírios e boninas,
E galgamos dum fôlego as colinas
Dos rocios da noite inda orvalhadas;
Ou, vendo o mar das ermas
cumeadas
Contemplamos as nuvens
vespertinas,

Que parecem fantásticas ruínas
Ao longo, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emudeces!
Não sei que luz no teu olhar flutua;
Sinto tremer-te a mão e
empalideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das coisas se insinua
Lenta e amorosa em nossos
corações.

Ernest Chausson (1855–1899)

Sérénade italienne (PAUL BOURGET)

*Partons en barque sur la mer
Pour passer la nuit aux étoiles;
Vois, il souffle juste assez d'air
Pour enfler la toile des voiles.*

*Le vieux pêcheur italien
Et ses deux fils qui nous conduisent
Écoutent, mais n'entendent rien
Aux mots que nos bouches
se disent.*

*Sur la mer calme et sombre, vois:
Nous pouvons échanger nos âmes,
Et nul ne comprendra
nos voix
Que la nuit, le ciel et les lames.*

Serenata italiana

Partamos de barco sobre o mar
Para passar a noite sob as estrelas;
Olha, sopra apenas ar bastante
Para encher o pano das velas.

O velho pescador italiano
E os seus dois filhos que nos guiam
Escutam, mas nada entendem
Das palavras que os nossos lábios
se dizem.

Sobre o mar calmo e escuro, olha:
Podemos trocar as nossas almas,
E ninguém compreenderá
as nossas vozes
Senão a noite, o céu e as vagas.

Johannes Brahms

Meerfahrt (HEINRICH HEINE)

*Mein Liebchen, wir saßen
beisammen
Traulich im leichten Kahn.*

Viagem marítima

Meu amor, estávamos sentados
juntos,
Aconchegados no leve barco.

*Die Nacht war still und wir
schwammen
Auf weiter Wasserbahn.*

*Die Geisterinsel, die schöne,
Lag dämmrig im Mondenglanz;
Dort klangen liebe Töne
Und wogte der Nebeltanz.*

*Dort klang es lieb und lieber
Und wogt es hin und her;
Wir aber schwammen vorüber
Trostlos auf weitem Meer.*

A noite estava tranquila e nós
flutuávamos
Pela vastidão das águas.

A ilha dos espíritos, a bela,
Jazia envolta em neblina ao brilho
do luar;
Lá soavam ternas melodias
E ondulava a dança do nevoeiro.

Lá soavam melodias cada vez
mais ternas
E o nevoeiro ondulava de um lado
para o outro;
Mas nós flutuámos ao largo
Desolados, no vasto mar.

Fernando Lapa (1950)

O céu, a terra, o vento sossegado
(LUÍS VAZ DE CAMÕES)

O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem pela
areia...
Os peixes, que no mar o sono
enfria...
O nocturno silêncio repousado...

O pescador Aónio, que, deitado
Onde co vento a água se meneia,
Chorando, o nome amado em vão
nomeia,
Que não pode ser mais que
nomeado:

– Ondas – dizia – antes que
Amor me mate,
Tornai-me a minha Ninfa,
que tão cedo
Me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala;
o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredor;
Leva-lhe o vento a voz,
que ao vento deita.

Viktor Ullmann (1898-1944)

Sturmlied (RICARDA HUCH)

*O Brausen des Meers und
Stimme des Sturms
Und Irren im Nebelschwarm!
In Hafens Ruhe, im Schutze
des Turms,
Wie eng und arm.*

*Ich will kein Kissen mir unters
Haupt,
Kein Schreiten auf Teppichen weich;
Hat mir der Sturm auch die Segel
geraubt,
Da war ich reich!*

*O herrliche Fahrt im
Windeshauch
Hinauf und hinab und zurück!
Nur kämpfend, und unterlieg ich
auch,
Ist Leben Glück.*

Canção de tempestade

Ó bramido do mar e voz da
tempestade
E errar no turbilhão de nevoeiro!
O sossego do porto,
o abrigo da torre,
Que estreito e pobre.

Não quero uma almofada sob a
cabeça,
Nem caminhar sobre tapetes macios;
Mesmo se a tempestade me roubou
as velas,
Então, eu era rico!

Ó magnífica viagem ao sopro
do vento
Para cima, para baixo e de volta!
Apenas lutando, e mesmo que
sucumba,
É a vida felicidade.

André Baleiro Barítono

André Baleiro foi o vencedor do 17º Concurso Internacional Robert Schumann (Zwickau, 2016), do 9º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa (Lisboa, 2016), do Prémio «Most Promising Talent» do prestigiado Concurso Internacional DAS LIED (Heidelberg, 2017), bem como do concurso SWR Young Opera Stars (Kaiserslautern, 2019). Foi galardoado com os 2.ºs Prémios no Concurso Internacional de *Lied Helmut Deutsch* (Viena, 2021) e no Concurso Internacional de Música de Câmara *Schubert e a Música Moderna* (Graz, 2022). No palco operático tem-se destacado com as suas interpretações de Pelléas (*Pelléas et Mélisande*, Debussy); Valentin (*Faust*, Gounod); Ford (*Falstaff*, Verdi); Orphée (*Orphée*, Philip Glass); Tarquinius (*The Rape of Lucrecia*), Ned Keen (*Peter Grimes*), ambas de Britten; e Figaro (*Il Barbiere di Siviglia*, Rossini), em salas como o Teatro Nacional de S. Carlos, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém; a Kammeroper de Munique e o Theater Trier (Alemanha); o Teatro Pérez Galdós (Las Palmas) e a Ópera de Breslávia (Wrocław). Do seu vasto repertório de concerto destacam-se: *Vespro della Beata Vergine* de Monteverdi; as Paixões de J. S. Bach; oratórias de Handel, Missas de Mozart e Dvorak; *L'Enfance du Christ* de Berlioz; a *Cantata Dona Nobis Pacem* de Vaughan Williams; os

Requiem de Fauré, Duruflé e Brahms; *Don Quichotte à Dulcinée* de Ravel; os *Gurrelieder* de Schönberg; os *Carmina Burana* de Orff e os *Lieder Eines Fahrenden Gesellen* de Mahler. Tem colaborado com os maestros Michel Corboz, Stefan Blunier, Frédéric Chaslin, Graeme Jenkins, Antonio Pirolli, Joana Carneiro, Nabil Shehata, Lorenzo Viotti, Dinis Sousa, Nuno Coelho e Peter Dijkstra. Apresenta-se regularmente em recital com diversos pianistas, interpretando um repertório de grande variedade de línguas, estilos e épocas, sendo de destacar as colaborações de longa data com o maestro João Paulo Santos e o pianista David Santos. A música vocal moderna e contemporânea constitui igualmente um seu especial foco de interesse. Nas últimas temporadas tem cooperado no projeto *Liederwerkstatt*, liderado por Axel Bauni, no Festival *Kissinger Sommer* na Alemanha, onde estreou novas obras para canto e piano de compositores como Steffen Schleiermacher, Manfred Trojahn e Luca Lombardi. André Baleiro estudou Canto na Universidade das Artes (UdK) em Berlim com o barítono Siegfried Lorenz e aprofundou o seu conhecimento do repertório de *Lied* com Eric Schneider. Frequentou *masterclasses* com cantores consagrados como Tom Krause, Ian Bostridge, Lorenzo Regazzo e José van Dam. Atualmente prossegue o seu aperfeiçoamento técnico e artístico com a professora

Snežana Stamenković. Em 2025, André Baleiro interpretará a parte de barítono no *War Requiem* de Britten, bem como o Fausto nas *Szenen aus Goethes Faust* de Schumann no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Além disso, assumirá o papel principal em *Il Prigioniero*, de Dallapiccola, e o papel de Miller em *Luisa Miller*, de Verdi, no Teatro de Luzern (Suíça). Estão também previstos recitais no Auditório de Espinho e no Festival Internacional de Música de Marvão.

David Santos Piano

O pianista David Santos apresenta-se internacionalmente em recitais com cantores e é Professor Honorário de Interpretação de *Lied* na Escola Superior de Música e Dança em Mannheim e Professor de Piano na Universidade das Artes (UdK) em Berlim. Foi o primeiro pianista português a vencer grandes concursos internacionais de interpretação de *Lied*, tendo obtido, em 2009, os primeiros prémios no 7.º Concurso Internacional *Schubert e a Música Moderna* em Graz (Áustria) e no 1.º Concurso Internacional Schubert para duos de *Lied* em Dortmund (Alemanha). Deve impulsos artísticos decisivos ao intenso trabalho desenvolvido com os pianistas Leonard Hokanson, Axel Bauni e Irwin Gage. Tocou em importantes salas como a Konzerthaus e a Philharmonie de Berlim, os Teatros Estaduais

de Kassel e Meiningen, o campus cultural *deSingel* em Antuérpia e a *Tonhalle* de Zurique, bem como em França, Espanha, Bélgica, Áustria, Grécia, Polónia, Brasil e nos Estados Unidos, nomeadamente no conceituado Tanglewood Music Festival. Em Portugal, atuou nos Teatros de S. Carlos, S. Luiz e Rivoli, no Centro Cultural de Belém e nos Festivais de Música do Estoril, Castelo Branco, Macau, *InSpirium*, Capuchos e nos Serões Musicais no Palácio da Pena. A sua discografia inclui o ciclo *Winterreise*, de Franz Schubert, com o barítono Luís Rodrigues (*about music*); canções de Schubert, Brahms, Schönberg e Busoni com o baixo-barítono Tomasz Wija (*Thorofon*); e os ciclos *Op. 35*, *36* e *40* de Robert Schumann com o barítono André Baleiro (*Codax*). Foi professor de Interpretação de *Lied* na Escola Superior de Música Franz Liszt em Weimar (Alemanha) entre 2010 e 2019, tendo realizado *masterclasses* em Portugal, na Alemanha, no Brasil e na Finlândia. Tanto no seu trabalho artístico como pedagógico dedica uma especial atenção à relação entre análise e interpretação musicais, bem como à apresentação de concertos através de moderações. Estas introduzem o público ao mundo musical e poético dos respetivos programas, criando uma maior abertura e receptividade para um repertório que chega do classicismo vienense até aos dias de hoje, numa grande variedade de idiomas, estilos e temáticas.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!



JÁ A SEGUIR — 12 DEZ 2025

CICLO SEXTA MAIOR

**A DINASTIA BACH
ORQUESTRA DE CÂMARA
PORTUGUESA E
JULIEN CHAUVIN**

O celebrado violinista e maestro francês Julien Chauvin (fundador do agrupamento parisiense Le Concert de la Loge) junta-se, pela primeira vez, à energia incandescente da Orquestra de Câmara Portuguesa, para celebrar a grande música de Telemann, Vivaldi e da família Bach.

Reconhecido pelo seu virtuosismo e espontaneidade, Julien Chauvin irá ainda partilhar o palco com a jovem violinista premiada Maria Reis Sá (*alumna* da Jovem Orquestra Portuguesa), para uma rendição luminosa do concerto duplo de Bach, numa noite inesquecível de intensidade, imaginação e fulgor.

Sexta-feira, 20h
Pequeno Auditório
+6

12 DEZ, 18H30

No âmbito do concerto *A Dinastia Bach*, terá lugar na Sala Lopes-Graça, a conferência **Notas da Música — Da Tradição à Herança**, por Eugénio Amorim.

Julien Chauvin © Marco Borggreve

CCB

CICLO NOTAS DE MÚSICA

MÚSICAS DO MAR

**PAULO FERREIRA
DE CASTRO**

21 NOV 25

**ARTES
PERFORMATIVAS**

CICLO NOTAS DE MÚSICA

MÚSICAS DO MAR

Paulo Ferreira de Castro

«A música muitas vezes leva-me como um mar!», escreveu Charles Baudelaire, evocando as afinidades profundas entre a força arrebatadora do oceano e o poder dos sons musicalmente organizados.

Não admira, pois, que numerosos compositores, em diferentes épocas, tenham encontrado no mar uma fonte de inspiração para a criação musical, em evocações sonoras que percorrem, metaforicamente, toda a gama de ambientes oceânicos — desde a ondulação tranquila das águas até à fúria desenfreada dos elementos.

Nesta conferência, abundantemente ilustrada com exemplos audiovisuais, serão abordados autores e obras particularmente emblemáticos desse ponto de vista, com destaque para Wagner, Rimsky-Korsakov, Debussy, Britten e Takemitsu.

Esta conferência realiza-se no âmbito do **recital de canto e piano Paisagens Marítimas**, com André Baleiro e David Santos, no mesmo dia, às 20h, na Sala Luís de Freitas Branco, no piso 1 (CCB).



© DR

Paulo Ferreira de Castro

Estudou musicologia em Estrasburgo e Londres, tendo obtido o seu Doutoramento no Royal Holloway College.

É Professor Associado do Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH. Entre 1992 e 2000, exerceu funções diretivas no Teatro Nacional de São Carlos.

Foi o primeiro Presidente da SPIM (Sociedade Portuguesa de Investigação em Música) e Presidente da Direção do CESEM (Centro de Estudos em Música).

Desde 2022, integra o Diretório da Sociedade Internacional de Musicologia (IMS), com sede em Basileia (Suíça).

Fez crítica musical no semanário Expresso e é autor de estudos sobre história e estética musical dos séculos XVIII a XXI, publicados em várias línguas.

Tem realizado numerosas conferências em Portugal e no estrangeiro – nomeadamente em França, Itália, Áustria, Reino Unido, EUA, Canadá, Polónia, Rússia, Sérvia, Grécia, Espanha e Brasil – e tem colaborado regularmente com o CCB.

Das suas publicações recentes, destaca-se o volume *Intertextuality in Music: Dialogic Composition* (Routledge).

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao